

O que Delfim fez e deixou de fazer no final de semana em Londres

por Tom Camargo
de Londres

Nas 56 horas que passou na Inglaterra, entre a tarde de sexta-feira e a noite de domingo, o ministro Delfim Netto fez algumas coisas, não fez outras que disse ia fazer e pode ter feito algumas que poucos sabem se fez ou não fez.

O ministro não assinou nada relativo à Superintendência Nacional da Marinha Mercante (Sunamam), sequer conversou sobre a combalida autárquia com seus banqueiros na City. A peta, concertada com o ministro Ernane Galvães, que se encarregou de vocalizá-la no País, evidencia-se quando o Lloyds Bank International nega ter recebido o ministro ou seus acompanhantes, até porque o que há por se acertar com a Sunamam está atado aos projetos 1 e 2, que por sua vez estão atados a uma decisão do Fundo Monetário Internacional, quanto ao empréstimo que renegocia com o País. O Lloyds Bank foi que organizou na City os grupos que fizeram empréstimos sindicalizados à empresa da Marinha Mercante. Uma operação de US\$ 200 milhões, em fase de reacerto.

O ministro não conversou com o novo governador (presidente) do Banco da Inglaterra (Banco Central), Leigh-Pemberton. Essa era uma hipótese possível, mas que não mereceria o esforço do sigilo mal guardado.

Outra coisa que o ministro Delfim Netto não fez na Inglaterra foi informar ao seu "hospedeiro-em-tese", isto é, o embaixador brasileiro, sobre o significado de sua missão. "Não posso entregar o que não me pertence", disse o embaixador Gibson Barboza. O ex-ministro das Relações Exteriores no governo Médici viajou com o ministro no mesmo avião, no trajeto Rio — Londres, jantou com ele na noite de sábado, mas assegura que não tinha a menor idéia de suas motivações. "Talvez o segredo tenha sido pedido por seu interlocutor." Delfim não se hospedou na residência do embaixador nem em hotel londrino.

Esteve forado da cidade, provavelmente em Ditchley Park, junto a Oxford, um centro que acolhe recepções de alto nível e que sediou o primeiro dos encontros de banqueiros que resultaram na criação do Instituto de Finanças Internacionais, a nova "Bolsa de informações" que concentrará os dados sobre os grandes devedores internacionais.

PROCURA DE LIVROS E JANTAR LUXUOSO

Algumas coisas que o ministro fez: comprou no sábado livros nos bem abastecidos sebos londrinos, em quantidade suficiente para compor um pacote alento. Jantou, na noite de sábado, no elegante "clube privê" Anabel's, um velho conhecido de outras autoridades brasileiras. Seu antíntimo foi o gerente local do Banco do Brasil, Adhemar de Albuquerque, que é sócio da casa. O Anabel's fica em Mayfair, o bairro de Londres que concentra um grande número de estabelecimentos de luxo. Um jantar sem extravagâncias

custará algo em torno de 60 libras por cabeça, o que equivale a algo como dois salários mínimos.

As coisas que o ministro Delfim Netto pode ter feito, mas que pouca gente sabe se fez, são exatamente as mais interessantes, isto é, as que justificariam, em teoria, a novelesca empreatada. Pelo menos duas pessoas importantes estariam a caminho de Basileia para a reunião do Banco de Compensações Internacionais. Delfim gostaria de falar com as duas: J. de Larosière, o diretor executivo do FMI, estava em Genebra na manhã de sexta-feira, e em Paris, à tarde. Delfim poderia ter desembarcado em Londres apenas para aproveitar o voo direto da Varig. De fato, havia reservas para Delfim e seus acompanhantes em um hotel e em voo para Paris. Elas foram canceladas, o que permitiria supor que, se o encontro aconteceu, foi de Larosière quem cruzou o Canal da Mancha. A imprensa não registrou a presença de Larosière em Londres. Seu nome também não constava das listas de hóspedes dos principais hotéis.

Paul Volcker, o presidente do Fundo da Reserva Federal (Banco Central) dos Estados Unidos, também teria motivos para um dedo de prosa com Delfim. A embaixada americana em Londres afirmou que Volcker não esteve na cidade.